



O Lamento de Pachamama
Acrílica sobre tela, 2020

Entrevista com o artista *Zen-riq*

Zen-riq (José Henrique Monteiro) é um artista-pesquisador iniciante, brasileiro. Formado em Psicologia; Mestrado em Ensino: Linguagens e seus códigos. Atualmente, terminando seu doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO-U-FMT, tendo como tema de pesquisa: Gervane de Paula, Artivismo e Decolonialidade. Em seu ato artístico, procura romper com o academicismo tradicional; se movimenta anarquicamente em texturas mistas e ferimentos na tela e pintura, muitas vezes, misturando tintas e suportes diferentes, indo também para além do “*acrilic on canvas*”, como lonas, madeira e lençóis embebidos de tinta. Suas formas e temáticas estão atreladas ao psiquismo, ao corpo e às formas humanas, e seus atrelamentos com o contemporâneo, a decolonialidade, as relações de poder, o tempo, os afetos, as perdas, o vazio, o amor, a vida e a morte. Sua produção já soma centenas de trabalhos. Em 2018, organizou e participou da Vernissage da Associação Mato-Grossense de Psicanálise (AMP) com as obras *Infância* e o *Pensador*, juntamente com os artistas convidados, Nilson Pimenta, Sebastião Silva, Gora e Benedito Nunes. Em 2021, participou da Exposição Coletiva Entre Lobo e Cão com a obra *Love in Vac.* Em 2022, realizou juntamente com o *CineCaos*, a Exposição *Corpos Subversivos*, no Centro Cultural Casa Cuiabana.

jhmonteirodafonseca@gmail.com
@zenriqart (Instagram)



Luciene Candia

Também conhecida como Luti, nasceu em Cáceres (MT). É doutora em Estudos Literários pelo PPGEL da UNEMAT, professora de língua portuguesa, literaturas e de PLE (português para estrangeiros), costureira e cinéfila.

candialuti@gmail.com

Luciene Candia: José Henrique, primeiramente queremos te agradecer pela parceria e contribuição com esta edição do *Nódoa no Brim*. Começo essa entrevista puxando pela memória: quando você se interessou pelas artes plásticas? E em resposta a pergunta, existe um estilo de pintura ao qual você se identifica mais?

Zen-riq: Para mim é uma alegria poder colaborar de algum modo com esse projeto maravilhoso que é o *Nódoa no Brim*. Muito obrigado, Luti, pela oportunidade. Bem, respeito as memórias, afinal elas são elementos cruciais da constituição de nossa identidade, por isso fico, muito à vontade de falar cada vez mais bem falado de minhas memórias. E o fragmento de memória mais remoto que tenho de uma experiência plástica refere-se

aos meus 4 anos de idade, mas que me tornei consciente disso durante o processo “desafia-dor” da Faculdade de Psicologia. Após crises de ansiedade e estresse, um remédio veio ao meu encontro, ou talvez tenha me achado novamente: a arte visual, a pintura. Digo que a arte me achou novamente, pois, foi justamente o que certifiquei mais tarde em meu processo de psicoterapia pessoal: a cena em mim ainda é nítida, o forno à lenha que minha mãe fazia os pães, e eu, um

Após crises de ansiedade e estresse, um remédio veio ao meu encontro, ou talvez tenha me achado novamente: a arte visual, a pintura.

garotinho de 4 anos, diante dele com um pincel embebido de lama pintando alguma superfície. A forma “da obra” era o perfil de uma cadeira de cabeça para baixo, o desafio da vida estava lançado, uma vida de “pernas pro ar” que precisava ser organizada. O mundo acadêmico, a arte, os saberes são meus remédios para equilibrar meu caos interno. Às vezes, a cadeira precisa ficar de “pernas pra cima”, mas também possui outra função, dar sustento, descanso e serenidade. A arte e a pesquisa me ajudam a manter essa “cadeira” em equilíbrio. Foi assim que fui pintando, me apaixonando, me acalmando, serenando, mas, também, me indignando nas expressões artísticas. Quanto às identificações com outros artistas, sou bastante tomado pelo expressionismo de Edward Munch que expressava as relações e emoções de seu tem-

po. Ainda que eu tente, poucas vezes tenho conseguido pintar obras silenciosas; tenho a sensação que meus trabalhos são barulhentos, às vezes preciso retirá-los de minha vista, pois me cansam e me deixam fadigado de mim mesmo. Ouso chamar meu processo de um tipo de expressionismo sócio-histórico, uma mistura de emoções, medos, paixões, tesão, crença, espiritualidade, revolta, indignação, vida e morte. Tudo isso atrelado às relações de um mundo concreto, político, histórico e social.

Luciene Candia: Além de dedicar-se ao trabalho artístico, você também é um pesquisador acadêmico de arte, especificamente das obras de Gervane de Paula. Conte-nos o que te motivou a pesquisar sobre esse artista mato-grossense.

Zen-riq: Gosto de pensar que minha identificação e motivação em aproximar academicamente, enquanto pesquisador (doutorando – PPGECO-UFMT) da poética de Gervane de Paula, primeiramente está no fato de ser um rapaz latino-americano e mato-grossense, com uma história de resistência e lutas contra o racismo, preconceitos e injustiças sociais em um tempo de modernidade tardia tão complexo que atravessamos nas múltiplas pautas da sociedade. Penso que

Gervane é um artista subversivo e decolonializante, e isso me encanta. Nada e ninguém se livra de sua crítica. As estruturas modernas mais densas e, muitas vezes, perversas, ficam ridicularizadas e amolecidas poeticamente diante de seu deboche e denúncia. Acredito que essa seja uma das características decolonializantes na Arte Contemporânea Latino-americana: denunciar, incomodar e ridicularizar estruturas opressoras dominantes. Nesse processo de pesquisa e aproximação do tema, posso dizer que venho me sentindo consideravelmente à vontade, mas também, inquieto diante das manifestações e sentidos que as obras do artista evocam. Importante destacar que as orientações que venho recebendo do Prof. Dr. José Serafim Bertoloto têm sido indispensáveis para balizar e lapidar essa caminhada e descoberta

sensível.

Luciene Candia: Muito bem, volto ao Zen-riq artista: você pintou telas homenageando algumas personalidades, como Paulo Freire, você gosta de retratar pessoas nas telas?

Zen-riq: Sim, gosto desse expressionismo dos olhos, do rosto, narizes grandes; de suas histórias. Comecei pintando o *Pensador*, um retrato expressionista de alguém que luta consigo mesmo; uma luta de ego e desejo, no sentido de elaborar a dor, e quiçá ressignificá-la; aos poucos comecei a pintar personalidades, a primeira foi Freud, pintei várias versões do pai da psicanálise; alguns Lacan's, e até o grande Gustav Jung. Importante ressaltar que minha motivação em começar a pintar os Freud's e os Lacan's se deu a partir de minha própria formação acadêmica inicial. Não posso negar minha origem acadêmica, um psicólogo, psicanalista que aos poucos foi caminhando para sacar um mundo complexo e latino-americano com pautas contemporâneas importantíssimas para além da psicanálise europeia. Por isso, atualmente, gosto de produzir trabalhos como o do grande mestre Paulo Freire: o patrono da Educação Brasileira, Carolina Maria de Jesus: poeta e escritora brasileira que representa a classe trabalhadora, a realidade e o contexto das favelas, bem como as lutas do Feminismo Negro. Fiquei alguns meses no Estado do Acre, no ano passado, e a partir de algumas leituras, resolvi pintar a irmã Dorothy Stang, uma mulher de luta que foi brutalmente assassinada por defender a terra e o meio ambiente. Em Rio Branco-AC, conheci um pouco mais sobre Chico Mendes e seu legado, e o quanto ele ainda é muitas vezes mal interpretado em sua própria região, por isso, está na fila de minha consciência pintar o rosto de Chico Mendes. Chico, Carolina de Jesus, irmã Dorothy, Paulo Freire, Dom Phillips, Bruno Pereira, ativistas, poetas, povos originários (os verdadeiros donos da terra que pisamos), rostos múltiplos que defendem as pautas dos Direitos Humanos das Florestas e das Multi-espécies são pessoas-anjos que passam por aqui e nos dão a oportunidade de aprendermos e melhorarmos a nós mesmos e, conseqüentemente, mudar nosso mundo. Mas, parece que enquanto raça humana, temos muito a caminhar para alcançarmos uma consciência de integralidade e unidade com a Mãe Terra e seus múltiplos filhos. Os



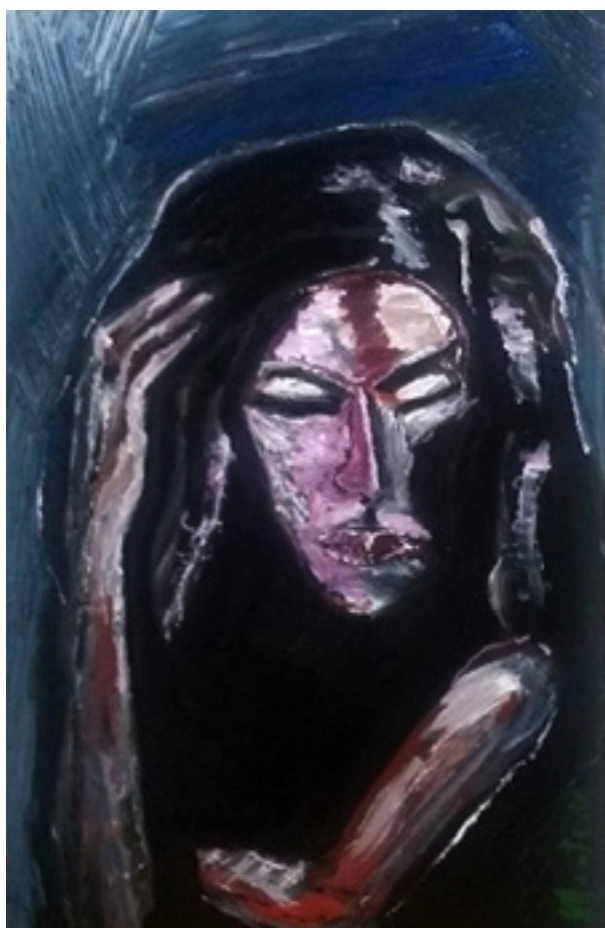
Poética do Inutensílio
Acrílica sobre canvas, formato A4, 2022



Antropos
Óleo sobre tela, 2016



O corpo é meu
Acrílica sobre tela, 30 x 25 cm, 2020



TRANS-pensamento
Acrílica sobre madeira, 70 x 40 cm, 2020

rostos dessas pessoas precisam ser lembrados para sempre para que, ao contemplá-los, possamos sentir amor e coragem, mas também indignação e mal-estar, com a consciência de que enquanto sociedade organizada somos historicamente responsáveis por nossas próprias mazelas.

Luciene Candia: Aguardo curiosa a tela de Chico Mendes, sou fã assumida desse homem e de sua luta incondicional pela terra, pela Amazônia, pela vida das pessoas e dos animais. Quando eu vi a obra *Brazil*, imediatamente lembrei do cenário de caos, e de guerra, de *Guernica*, de Pablo Picasso. Tem alguma referência? Fale-nos sobre essa tela.

Zen-riq: Acredito que toda obra de arte está aí lançada ao mundo como membro do corpo simbólico do artista, e tal membro não mais lhe pertence e é por isso que o processo de criação continua a ser realizado em coautoria com os olhares da recepção, as leituras e os sentidos múltiplos que são atribuídos à obra. Esse é um dos pontos mais maravilhosos da Arte, principalmente a Arte Contemporânea, a qual possui o status de inacabamento. Honro sua sensibilidade e leitura de meu trabalho *Brazil 20-21*; você sacou algo que estou sacando agora, estou lendo agora a partir de seus olhos, obrigado por essa linda sensibilidade. Na verdade, não pintei pensando em *Guernica*, pelo menos não houve motivação consciente. E, enquanto artista novo e com curta caminhada ainda, tal pareamento poético não seria justo. *Guernica* é uma obra fantástica, poderosa, riquíssima e eternizada. Mas, ao pensar sobre sua pergunta e sobre sua leitura sensível, posso dizer que *Brazil 20-21* foi um grito de indignação, tristeza e revolta perante a pandemia e o pandemônio político, social e epidemiológico que o Brasil sofreu desde 2016, e que eclodiu principalmente em 2020, 2021, 2022. Por isso, a motivação no processo de criação foi o luto frente à Covid-19, o choro abafado de famílias que perderam seus entes queridos; a revolta frente ao descaso e às relações necropolíticas daquele período. Essa obra mostra o choro das mulheres que precisaram ser mais fortes do que já são para enfrentar sua rotina de trabalho, em ônibus lotados; as profissionais de saúde, as pesquisadoras, as donas de casa que foram heroínas ao darem conta de sustentar seus lares de modo emocional, afetivo e financeiro. Isso tudo em

um país no qual se reforçava a partir do discurso do Governo 2018-2022: o machismo estrutural, o ódio contra às mulheres, contra a ciência, contra trabalhadoras e trabalhadores, contra a comunidade LGBTQI+, contra os povos indígenas, africanos em diáspora, imigrantes e todas as minorias que se tornaram muito mais vulneráveis naquele período. Aí, quando você apresenta de modo muito oportuno essa leitura sob uma aproximação com *Guernica*, de Pablo Picasso, me evoca sentidos que me deixam perplexo, pois Picasso aponta a devastação que ocorrera na Cidade de Guernica, na Espanha, na década de 1930, por um bombardeio, e também apresenta a dor e a desolação do povo, vítima dos regimes fascistas que ascendiam na Europa naquele período. Posso dizer agora, diante de sua maravilhosa percepção, que o Brasil, as-

sim como *Guernica* nos idos de 1930, foi bombardeado pelo fascismo, o ódio, o preconceito e o descaso à classe trabalhadora. Desde o golpe da elite da extrema direita em 2016, nosso Brasil, com "s", das lutas e das resistências se tornou um Brasil com "z".

Luciene Candia: Veja bem, Zen-riq, há justiça no "pareamento poético", e temático, sim! *Brazil 20-21* também é uma obra fantástica, poderosa, porque pulsa a dor numa paleta de cores que parece representar nossos sentimentos de luto, perda, frustração...

Esta edição do Nódoa no Brim homenageia o horror, na literatura, no cinema, na música, nas artes visuais... Particularmente, gosto muito das obras sombrias do espanhol Francisco de Goya, *Cão semi-afundado (Perro semi-hundido)*, por exemplo, me causa uma angústia tremenda, ao mesmo tempo em que fico fascinada com a composição de cores e profundidade da tela. Nas artes visuais, cite-nos referências que você admira e que estejam ligadas a esse tema do horror.

Zen-riq: Realmente, as obras de Goya nos provocam de modo visceral, em que é possí-

vel sentir reações químicas e emocionais no corpo, já no primeiro impacto visual. Obras como *O Sábado das Bruxas*, de 1798, me evoca certa estranheza. Gosto de refletir que a estranheza e o horror que seus trabalhos me causam é justamente o estranho que já conheço, ainda que sutilmente em mim mesmo e, muitas vezes, o nego. Quando nosso ego tão sociável se depara com obras desse gênero, se assusta por não querer ser confrontado com aquilo que temos e somos enquanto humanos. Somos nossos próprios demônios, e nossos próprios anjos, nossa própria luz, e também escuridão, produtos de nós mesmos em meio às relações psicoafetivas, históricas e políticas. Gostaria de destacar três obras que também me tocam: *O Grito*, de Edward Munch – original de 1893, e suas outras três versões – que retrata o semblante de angústia, um tipo de rosto fantas-

Desde o golpe da elite da extrema direita em 2016, nosso Brasil, com "s", das lutas e das resistências se tornou um Brasil com "z".

magórico atrelado a uma atmosfera opressora, um grito abafado de uma sociedade ansiosa perante os horrores da guerra e suas consequências. Em Munch podemos ver o aspecto político e social do gênero horror. A segunda obra, também de Munch é *A Herança* de 1905 que retrata uma mãe à espera de ajuda ou talvez atendimento para seu bebê que sofre com sífilis. Essa obra nos balança em reflexões, pois fala de preconceitos contra aquela mãe, a criança estigmatizada

em seu corpo e uma série de relações em torno da sífilis como a subjacência do pecaminoso e do promiscuo, no contexto em que Munch vivia e enxergava. A terceira obra é de Salvador Dalí, o qual usava do surrealismo para expressar sua realidade psíquica, enfrentamentos e empoderamento em meio ao lindo e também doído universo psicótico-paranoico. A obra a qual destaco de Dalí é *A face da guerra* de 1940 que foi produzida em sua estadia nos Estados Unidos, a partir de suas memórias sobre guerra espanhola. Na obra podemos ver uma grande caveira, a qual possui infinitamente e redundantemente outras caveiras em seus olhos, elas nos transmitem medo, tristeza e desolação. Dalí consegue expressar a partir de sua subjetividade complexa e genial os horrores e a brutalidade da guerra.



Artista Visual Homenageado:



Zen-riq

Artista-pesquisador, formado em Psicologia, mestre em Ensino: Linguagens e seus códigos, doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO-UFMT.

jhmonteirodafonseca@gmail.com | [@zenriqart \(Instagram\)](https://www.instagram.com/zenriqart)

Realização



UNEMAT

Nódoa no Brim Edição Especial | Literatura e Horror